

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS**

MATHEUS MARTINS DO NASCIMENTO

**A FORÇA DOS PROJETOS SOCIAIS COM PRÁTICAS ESPORTIVAS.**

Vitória

2021

MATHEUS MARTINS DO NASCIMENTO

**A FORÇA DOS PROJETOS SOCIAIS COM PRÁTICAS ESPORTIVAS.**

Relatório final, apresentado a Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Ubirajara de Oliveira

Vitória  
2021

**RESUMO**

Este memorial tem como intuito lembrar, recordar, e apresentar momentos, experiências e fatos vivenciados durante meu contato com um projeto social denominado Escolinha de Esportes. Esse projeto social é realizado pela Prefeitura Municipal de Vitória há mais de dez anos, na cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo. Todas essas vivências serão sob minha visão durante meu tempo de permanência no projeto, com contato com os Secretários, Alunos, Amigos, Professores, Pais.

Espero que com esse memorial outras pessoas possam refletir acerca das práticas dos projetos sociais, se baseando nas minhas experiências como Participante (Aluno) e Estagiário de nível médio, e até mesmo ter contato com a ótica que eu tive nessas condições, junto de minha reflexão atual como futuro Professor de Educação Física.

**Palavras-chave: Projeto Social, Escolinha de Esporte, Aluno, Professor.**

## **ABSTRACT**

This memorial is intended to recall, remember, and present moments, experiences and facts experienced during my contact with a social project called Escolinha de Desportos. This social project has been carried out by the Municipality of Vitória for over ten years, in the city of Vitória, in the state of Espírito Santo. All these experiences will be under my vision during my time in the project, in contact with the Secretaries, Students, Friends, Teachers, Parents. I hope that with this memorial, other people can reflect on the practices of social projects, based on my experiences as a Participant (Student) and Intern, and even have contact with the perspective I had in these conditions, along with my reflection current as future Physical Education Teacher.

Keywords: Social Project, Sport School, Student, Teacher.

## **SUMÁRIO**

<b>1 Introdução .....</b>	<b>5</b>
<b>2 O Início .....</b>	<b>6</b>
<b>3. O Projeto Escolinha de Esportes .....</b>	<b>7</b>
<b>4. Trabalhando no Projeto .....</b>	<b>12</b>
<b>5. Conclusão .....</b>	<b>14</b>
<b>6. Referências bibliográficas .....</b>	<b>15</b>

## 1 Introdução

Nesse memorial, busco trazer em evidência minhas vivências, aprendizados e expectativas durante o meu contato com o projeto Escolinha de Esportes.

Tive a oportunidade de participar da Escolinha de Esportes como aluno / participante dos 8 aos 13 anos de idade e depois dos 14 aos 15 anos como estagiário de nível médio, auxiliando os professores responsáveis pelo projeto. Em ambas as posições, era evidenciado o papel central e referencial do Professor do núcleo.

E, diante dessas posições que vivenciei, junto do sujeito norteador do Projeto, o Professor, tive experiências, aprendizados e percepções acerca desta função, algumas foram mudadas no decorrer do tempo, outras permanecem até hoje.

Em razão da oportunidade de poder expressar as minhas vivências, escolhi o memorial como forma de organizar este trabalho, pelo fato de que “O memorial pode ser considerado, ainda, como um gênero que oportuniza as pessoas expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas e sucessos que marcam a sua trajetória.” (ARCOVERDE; ARCOVERDE, 2007, p. 2)

Tenho como inspiração a postura que alguns professores do projeto exerciam perante ao grupo. Desde novo, eu conseguia apreciar a habilidade de um ser orientar e conduzir um grupo a um aprendizado ou aperfeiçoamento das práticas esportivas. Sobretudo, diante do êxito em nos envolver nas atividades e estigar sonhos em meio ao cenário onde eu e meus amigos do projeto nos encontrávamos.

Assim, toda essa a interação com os professores, com os colegas da comunidade em meio aquela esfera de mundo em que estávamos inseridos produziu em mim crenças e desejos que nortearam algumas das minhas escolhas de vida, e hoje destaco escolha a profissional. Transcreverei com mais detalhes essa história para que compreendam como cheguei até aqui e o que almejo realizar.

## 2 O Início

Sou Matheus Martins do Nascimento, nascido, criado e residente no bairro Itararé, localizado na cidade Vitória, no Espírito Santo. Itararé sempre foi um bairro movimentado, com muito comércio, boa localização e de fácil acesso a importantes avenidas da nossa capital. Em Itararé percebo contrastes em seus moradores e suas diferentes classes sociais, que se misturam nas feiras livres e nas missas de domingo. Sobre Itararé, vejo com tristeza os noticiários evidenciando a violência que assombra o local. Mas destaco que foi neste bairro que participei por duas diferentes oportunidades do projeto social, denominado: Escolinha de Esportes, que, em muito agregou em minha história.

Fui uma criança que tinha pai e mãe morando junto, que viviam em harmonia, com uma boa condição financeira e sempre engajados em proporcionar uma boa educação para mim e minhas irmãs. Considero isso um privilégio, pois muitos dos meus amigos de infância não galgavam dessa realidade, alguns tinham o pai ou a mãe falecidos, presos, separados ou até mesmo corridos do bairro.



Imagem 1 (o Autor durante um treino)

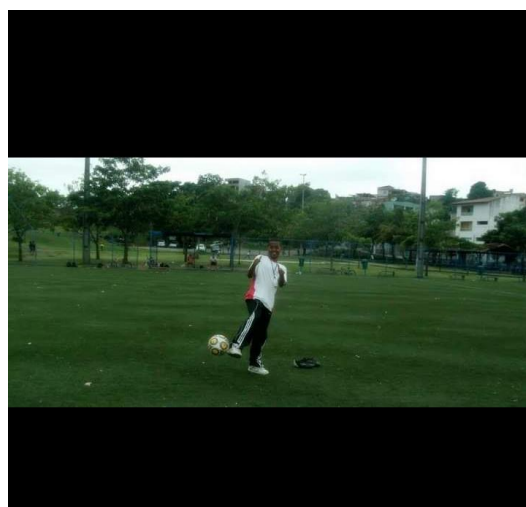


Imagem 2 (o Autor durante um treino)

Sempre vivi em meio a muitos contrastes, estudei em escola particular por boa parte da minha vida, um transporte escolar fazia meu deslocamento para outro bairro, mas minha diversão era brincar na rua com os as crianças da vizinhança. Brincávamos de pique, de soltar pipa, de bolinha de gude e obviamente, de jogar bola! A pelada, o futsal e o futebol, bem como outros

pontos me uniram fortemente aos meus amigos da comunidade e conseqüentemente me engajaram em suas diferentes realidades.

Durante minha infância, tive oportunidade de fazer queridos amigos que me acompanham até hoje. O projeto social que apresentarei a seguir, sacramentou nossos encontros matinais, uma vez que estudávamos no período da tarde, reservando o período da noite brincávamos nas ruas do bairro e de bairros próximos.

### **3. O Projeto Escolinha de Esportes**

O projeto “Escolinha de Esportes” contemplava a região de todo “Complexo da Penha”, ou seja, participavam meninos dos bairros Itararé, Bairro da Penha, São Benedito, Bonfim, Estrela e Engenharia. Toda essa região era contemplada com a oferta desse projeto para o público infantil em geral. A maioria dos participantes eram do sexo masculino, mas apesar da baixa adesão me recordo bem de três meninas que frequentavam o treino.

Meu pai tomou conhecimento desse projeto através do meu tio, que era amigo do professor responsável pelas aulas. Esse professor, que também era morador do bairro, dava aula em dois turnos no campo do Itararé, localizado na pracinha. Logo que o projeto foi criado, teve uma alta aceitação e rápida adesão das crianças da região. Participaram do projeto, crianças com diversas idades, divididos em categorias sub 9, sub 11, 12/13, 14/15, e juvenil. Essa organização permitia a participação das crianças através de rodízio.

Em minha memória, esse Professor sempre chegava e atuava sozinho. Acredito que era só dele o trabalho de organizar os times, os materiais, as aulas, as posições, as idades, os goleiros, além de ser o juiz em campo, apitando e sinalizando as regras do jogo. Posso descrever com tranquilidade mais algumas atribuições deste professor: estimular nosso empenho para melhores resultados, cobrar disciplina e seriedade, ensinar algumas táticas, além de dialogar constantemente sempre que detectava algo errado, seja em campo ou fora dele.

Por muitas vezes, surgiam conflitos e brigas entre nós. Lembro que chegou ao ponto acontecer agressões físicas e verbais. Nesses contextos, o professor interferia, separava e buscava dialogar conosco sobre o fato ocorrido. Em certos casos, punia com a suspensão dos jogos contra outras equipes, essa prática doía naqueles que arrumavam brigas e servia como exemplo para os



demais. Acredito que naquele contexto, a punição abria sim o espaço para reflexão desse comportamento, pois, vinha acompanhada do diálogo com o grupo, com o objetivo de reconciliar as partes e reforçar o real objetivo do projeto.

O professor reforçava conosco a importância do estudo, do trabalho, citando até mesmo ele, como exemplo, nos contando que onde veio de uma condição parecida com a nossa, o mesmo cenário e conseguiu se graduar em Educação Física e aproveitar uma oportunidade na Prefeitura Municipal de Vitória, através deste projeto, de semear essa ideia da possibilidade de atingirmos nossos objetivos na vida de um modo diferente de muitos que nos eram apresentados. De acordo com HIRAMA; MONTAGNER: 2012., “A figura do professor também deve estar inserida nesta teia de relações, como uma referência que exerce grande influência, representando muitas vezes o exemplo a ser seguido. Este profissional deve, segundo a comunidade, conhecer seus alunos, sua realidade, estar comprometido com a missão do projeto e ser profundo conhecedor do eixo pelo qual irá atuar”.

Atividades ilícitas, como o tráfico de drogas naquela região, era algo comum a ser presenciado por moradores, inclusive por nós, crianças do projeto. Muitas crianças não tinham condição de satisfazer simples vontades, como a de comer determinado biscoito, por exemplo. Ao nosso “redor” uma silenciosa oferta de formas de satisfazer essas vontades era apresentada através da inserção ao mundo crime, com a possibilidade de ganhar “muito” dinheiro e até mesmo “status” de poder perante aos demais. Essas linhas atravessavam nosso cotidiano no projeto social. Alguns amigos sucumbiram a estas tentações, outros seguiram a vida buscando outras maneiras de atingir suas conquistas.

Um fato se fazia presente em virtude desse dessa realidade, era a persistência do professor em lutar o máximo para nos mostrar outra possibilidade, nos lembrar incessantemente que existiam outros caminhos possíveis. Por diversas vezes abria diálogo conosco sobre o retorno que aquele estilo de vida trazia, nos levando a refletir sobre o futuro que queríamos para nós e o nosso desenvolvimento social.

Nesse sentido é importante destacar a importância Vaz (2001) das intervenções sociais e quais sejam:

A intervenção no processo de socialização pode se dar basicamente de duas formas: a primeira, que diz respeito a uma visão conservadora, que terá por objetivo colocar o indivíduo em contato com os valores e com a visão de

mundo do grupo social dominante, esta visão apresenta-se como ação política neutra, uma vez que o professor se nega a olhar para as relações político-econômicas e sociais para compreender a educação e, tampouco, inclui esta preocupação entre as suas ações didático-pedagógicas, ou seja, por trás de uma pretensa neutralidade esconde-se uma posição de apoio ideológico ao *status quo*, seja ela por ignorância ou por adesão firme aos seus princípios; já a segunda possui um caráter transformador e necessita de estratégias que estimulem e facilitem a troca de experiências e valores entre os sujeitos envolvidos no processo educacional, a fim de que estes intercâmbios possibilitem a descoberta de novas leituras, novas interpretações, para um mesmo problema, o que poderá levar o indivíduo a mudanças na sua maneira de conceber o mundo, o homem e suas relações. (VAZ, 2001, p. 1-2)

Os projetos sociais devem se utilizar de práticas que consigam agregar valores sociais aos seus participantes, surgindo como oposição ao que se prega em alguns ambientes que almejam o alto rendimento e a segregação, com isso se faz necessária uma postura do mediador/professor presente no projeto social, com certa atenção como é destacado por Vaz (2001)

Para que consigamos, em nossas aulas, garantir uma socialização que aponte para uma expectativa emancipatória, solidária e fraterna, julgo que seja necessário mantermo-nos atentos para que não proporcionemos nem de forma acidental, inintencional, os comportamentos que estimulem a rivalidade, o individualismo, o egoísmo, etc., características essas que concorrem para reforçar a resistência ao processo de humanização do indivíduo, caso contrário, estaremos objetivando as transformações, ao mesmo tempo em que colaboramos para a reprodução dos valores hegemônicos. (VAZ, 2001, p.2)

Naquele contexto, ocorriam situações, em era difícil compreender ou aceitar o porquê, e que gerava insatisfação por parte do grupo. Como por exemplo, nos momentos em que o professor precisava selecionar alguns jogadores para representar o grupo em campeonatos contra equipes de bairros vizinhos. Eram muitas crianças em cada categoria, o que tornava inviável a participação de todas. Ou seja, entender e aceitar que esse tipo de seleção levando em conta o nível de habilidade era necessária no esporte, mesmo no contexto de projeto social e mesmo entre crianças, poderia ser um importante exercício de aceitação e aprendizado. Não posso relatar minha frustração, pois estava entre o grupo dos 22 escolhidos, mas hoje eu tenho uma reflexão, como será que deve ter sido não estar no grupo dos escolhidos?

Um projeto criado com o objetivo de realizar inclusão, que tem como objetivo potencializar atitudes, florescer ideias novas e trazer um novo aprendizado e outras tantas funções sociais, realizar uma seleção de mais da metade de uma categoria, poderia acabar caminhando para o outro lado da

proposta. A realidade era que o projeto em si, não se sustentava com recursos pelos próprios naquela época, algumas ações precisaram ser postas em práticas e com todas as experiências podem aprender algo.

No tão esperado campeonato em que fui escolhido para participar, logo no dia do primeiro jogo do campeonato, tive uma crise grave de asma, onde me trouxe de retorno meses internado e me deixando impossibilitado de participar do campeonato. Anos depois me veio o pensamento de que esta minha frustração, possivelmente foi a frustração dos outros 48 que ficaram de fora de lista do professor naquele momento.

Passou um tempo retornei para o projeto em outro horário pois havia acabado o ano letivo quando sai do hospital, e houve a necessidade de eu mudar para a turma da tarde com outro professor, do mesmo projeto. Ao iniciar na turma nova, com menos gente que a anterior que eu me encontrava, pude conhecer pessoas novas, outro ótimo professor que brincava conosco, nos ensinava a modalidade e nos auxiliava nas questões da vida literalmente.

Antes de iniciar qualquer atividade do dia, ele nos chamava pra sentar e conversar em uma espécie de praça ao lado do campo na época, e conversamos sobre questões mais diversas da nossa vida, naquele momento em que éramos todos novos, essas orientações frutificavam as vidas ouvintes. Lembro quando ele nos orientava a possibilidade até mesmo de um dia realizarmos uma faculdade, assim como curso Educação Física, e com essa realização a gente poderia até mesmo dar aula como ele dava, atuar em times, escolinhas, teríamos a possibilidade de vencer estudando.

Hoje eu na condição de graduando/professor, vejo que aquelas palavras ganharam vida, tornaram-se fatos na vida de alguns alunos, inclusive a minha, por isso eu acredito nesse projeto como uma possibilidade ao sujeito que participa, tem a chance de transformar a realidade do participante, não somente o projeto, mas ele pode vir a contribuir também para que isso se realize, a subjetividade, faz parte desse processo e segundo Molina, Silva e Silveira (2004, p. 3) “é construída a partir de uma série de identificações, nem sempre conscientes, que envolvem adesões, resistências e contestações fartamente presentes nos modos de ser dos adolescentes”.

Nossos diálogos eram bem desenvolvidos com o professor, eu e os demais colegas da turma dávamos total crédito ao que o professor nos

transmitia, ele realmente era um amigo nosso, costumávamos chamar uns aos outros por apelidos, inclusive ele que chegou pegar um vínculo forte conosco.

Ele realizava partidas também contra outras equipes, diferentemente do outro professor, ele buscava e conseguia incluir todos os alunos nessas partidas, mesclava os times para oportunizar os vistos como menos habilidosos de participar, além de realizar rodízio, dessa forma ninguém ficava fora da prática, evitando a segregação, exercendo com eficiência o papel do professor de um projeto social, contrariando as práticas que buscam auto rendimento.

Hoje como futuro professor aprendo com esse professor como posso buscar bons resultados para cada aluno meu, sem realizar algum tipo de exclusão, os alunos que foram da turma dele, foram transformados e estão transformando o meio onde se encontram boa parte deles ou quase todos estão com seus estudos completos, trabalhando, cursando algo, inclusive eu também. Por outro lado, eu também reconheço que houve alguns da turma que desviaram para o outro lado, isso nos mostra que somente o projeto em si não é suficiente, mas observando os que foram para um lado “bom”, vemos que o projeto social é uma boa alternativa que agrega muito valor na vida dos jovens e também utilizando o esporte educacional utilizando desporto como incentivo e nesse sentido Bento (2006) afirma que

O desporto possui dimensões que vão além dele próprio, tendo ligação com o que se refere à ética do homem. Suas atividades corporais possuem intenções de alcançar objetivos educativos, além dos objetivos corporais físicos. O Eu Moral é florescido pelo meio desportivo, envolvendo diversas funções em relação ao indivíduo. O desporto também cumpre função sob a ética do indivíduo e na saúde moral da sociedade. (p.53)

Essa formação moral, que se faz evidente, é adquirida a partir da relação do sujeito com os elementos presentes no desporto, como alguns ideais, motivações e vontades internas do próprio praticante, ao mesmo tempo em que a formação corporal é constituída. Diante desse contexto, Bento (2006) afirma que

A formação corporal está, portanto ao serviço da formação moral. E em verdade os exercícios corporais apenas são físicos na aparência; na sua essência são atos morais e exercícios anímicos e volitivos. Ou seja, à exterior configuração ósteo-muscular corresponde uma arquitetura interior da vontade (p.54).

#### **4. Trabalhando no Projeto**

No ano de 2011, tive a oportunidade de trabalhar no projeto Escolinha de Esportes, entrei na Prefeitura Municipal de Vitória como estagiário de nível médio na SEMESP, auxiliando o professor em diversas atividades. Havia uma turma grande, boa parte que já havia treinado comigo anteriormente.

Alguns já me conheciam, e para eles e para mim foi uma novidade, eu estava no outro lado da história, ajudando a acontecer as aulas, contribuindo para o andamento do projeto, mesmo sem ter o conhecimento de causa que possuo hoje, me considerava importante no processo de acontecer o projeto. Eu auxiliava o professor com a montagem das aulas, aprendi bastante com a observação, e com a prática também.

Ali eu aprendi muito, desde o acompanhar os pequenos novatos, crianças de 7 anos que iniciavam no projeto ou até mesmo os de mais idade, da maior categoria. Eu era o responsável por fazer o cadastro de todos, e de início dar uma pequena assistência a eles, pelo risco da idade, ou por outros fatores.

Eles reagiam bem parecidos nas primeiras aulas, chegavam tímidos, com um pouco de euforia por estar ingressando em um projeto muito importante para eles, alguns que ingressavam no projeto não possuíam nenhum contato com a prática que lá era ministrada, no caso o futebol, e o que se fazia interessante era que os mais antigos se relacionavam com eles e estimulavam a progredir, instruíam com paciência os novatos para o progresso. Segundo, Macedo; Xavier 2010, “ o treinador deve sempre motivar seus alunos para que busquem metas estipuladas, mostrando sempre a força e o poder do jogo coletivo, e lembrando-os dos valores pessoais e sociais, os professores além de desenvolver todos os treinamentos tendo preservar a amizade entre todos, darem bons exemplos de educação e conduta, demonstrando sua capacidade de liderar e comandar seus atletas e desempenhar a melhor maneira possível dentro ou fora do esporte”.

Ao meu ver, essa ajuda se tornava presente no momento por conta da boa condução que a equipe realizava, no caso era eu, o professor e mais dois estagiários de nível superior, que estavam se graduando em educação física, assim como eu estou cursando. Nós trabalhávamos a perspectiva de

coletividade, pautando também no respeito, independente da condição do sujeito, e lá as condições eram diversas, cada aluno com sua particularidade.

Naquele momento toda nossa equipe, era respeitada pelos alunos, o retorno deles para nós era de como fossemos para eles um norte na prática e até mesmo na vida, os alunos vinham até nós com até mesmo suas demandas de casa, de escola e dialogavam conosco, até mesmo comigo que na época estava na condição de iniciante em relação ao aprendizado social, afirmo isso comparando minha condição daquela época com a de hoje, mesmo assim eu buscava ajuda-los e ajudando eles, eu também me ajudava, um aprendia com o outro.

O projeto para muitos era visto naquele momento como uma alternativa diante de diversos problemas que eram notórios em volta do campo onde ele acontecia, tráfico, abandono escolar, preconceito, entre outros, o que de acordo com Gonçalves (2003, p. 172) significa:

Afastar os meninos do mundo do crime, tirá-los da rua, livrá-los da violência – estas têm sido as justificativas usadas pelos projetos sociais voltados para os jovens das comunidades pobres. Todos pretendem ocupá-los com atividades educativas, esportivas, culturais e de formação para o trabalho. Acreditam que o espaço deixado pela carência de atividades possa ser ocupado pelo crime ou pelo ócio. São várias as entidades espalhadas pelo país cuja intenção é tirar moças e rapazes de situação de risco.

Em certos momentos, era o olhar de preconceito que algumas pessoas tinham em relação a aqueles jovens, alguns sentiam na pele de forma clara, inclusive eu mesmo já senti. Me recordo quando um grupo havia acabado de sair da aula e foram para o ponto de ônibus aguardar o que passava na região deles para poderem ir embora, por conta da distância aquele meio era o mais viável, em determinado momento que nós da equipe fomos guardar o material, a polícia veio e enquadrou aqueles jovens, meninos novos, sem envolvimento algum, portando chuteiras, roupas simples para a pratica, e para agravar a situação, ainda agrediu alguns sem motivo algum.

Esse episódio não saiu da minha mente até hoje. Minha reflexão desse fato, é pautada como foram constrangidos aqueles garotos pós aula, simplesmente sem fazer nada, eles somente estavam no ponto aguardando um ônibus. Acredito que isso tenha ocorrido por conta da característica física deles, ou até mesmo social, pois fora isso, nenhum motivo aparente surge como

justificativa desse fato. Em minha cabeça e na deles passavam diversas vezes questões como: “Não adianta, nós sempre somos os errados, mesmo não fazendo nada. Tudo isso era constatado a partir do preconceito que vivíamos.”

Hoje, na graduação, vejo como nós professores temos uma grande força na vida dos jovens, inclusive ,na minha também teve, mas essa força tem que ser aproveitada pelo sujeito que ela é ofertada, no caso o aluno, a vontade e os fatores em volta do sujeito, influenciam na absorção dessa força. Eu absorvi e hoje caminho para ser essa força para os que virão a ser meus alunos. Infelizmente, muitos dos participantes não se encontram mais vivos, alguns presos, outros não se falam mais por conta das rivalidades dos bairros que moram, outros por mais triste ainda acabaram se tornando moradores de rua mesmo tendo residência, e uma boa parte também para nossa alegria se encontra bem, com família constituída, trabalhando, estudando, outros fazendo faculdades ou cursos.

## **5. Conclusão**

Concluo que o projeto em si agrega muito valor e contribui com o aluno, do mesmo modo que o ambiente escolar, o professor se torna o agente que guiará o aluno a essa possibilidade, porém não depende somente dele, o aluno deve seguir o mesmo raciocínio. No caso da escolinha de esportes, surtiu efeitos benéficos para diversos, mesmo eu citando anteriormente uma realidade triste vivenciada por alguns. Hoje encontro diversos deles em diversos locais e mantemos vínculos de amizade e temos maravilhosas recordações das aulas, das experiências, dos aprendizados e espero contribuir mais no futuro, agora que estou me tornando professor, para que mais jovens tenham esse direito de escolha para um futuro melhor.

## 6. Referências bibliográficas

ARCOVERDE, Maria Divanira de Lima; ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. A escrita como processo. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.

BENTO, Jorge Olímpio. Formação e Desporto. In: GoTani; BENTO, Jorge Olímpio; PETERSEN, Ricardo Demérito de Souza. (Org). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, 41-57.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. **A Vila Olímpica da Verde-e-Rosa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003

HIRAMA, Leopoldo Katsuki; MONTAGNER, Paulo César. **Algo para além de tirar da rua: o ensino do esporte em projeto socioeducativo**. São Paulo: 2012.

MACEDO, J. E.; XAVIER, G. C.. O papel do profissional de educação física na iniciação ao futsal. (Dissertação) – Centro Universitário Ítalo Brasileiro, São Paulo, 2010. Disponível em Acesso em: 07 mai. 2014

MOLINA et al. **Celebração e transgressão: a representação do esporte na adolescência**; Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.18, n.2, p.125-36, abr./jun. 2004.

VAZ, Antonio Carlos. **Socialização e competência social: argumentos para uma educação física crítica**. In: Congresso Brasileiro de Ciências Do Esporte, 12, 2001. *Anais...* Caxambu: CBCE, 2001.